Acervo ISA

Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte GM
Data 12/11/96 Pg D-1
Class. VC | APA 32

GAZETA MERCANTIL
TERÇA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 1996 Página D-1

Fernando de Noronha, beleza sem conforto

Da hospedagem ao abastecimento de mercadorias e ao atendimento médico, o visitante poderá encontrar deficiências

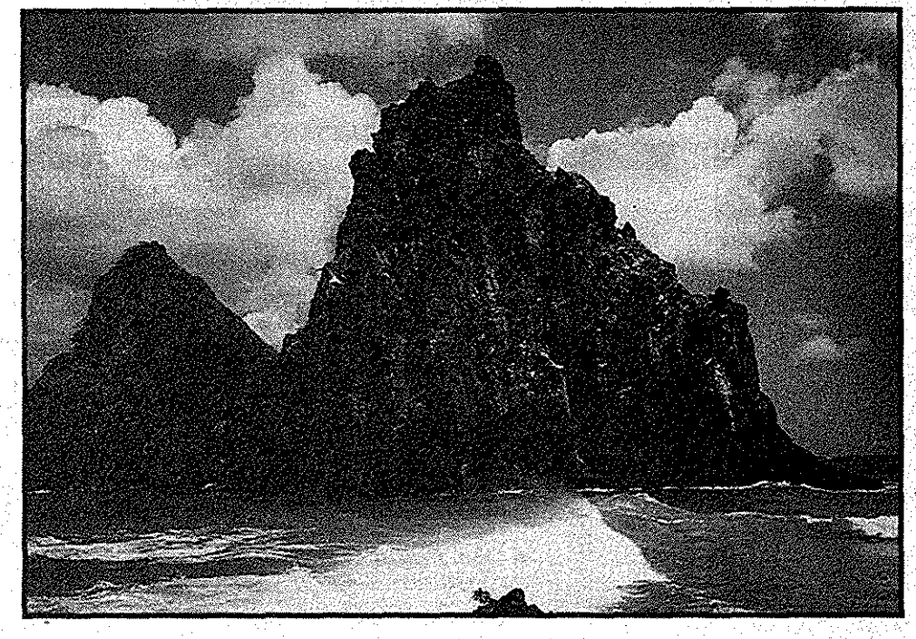
por Luciana Del Caro
de Fernando de Noronha

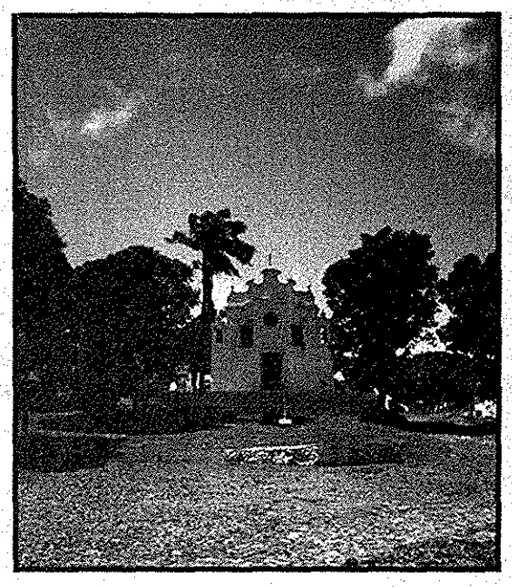
Há quem diga que Fernando de Noronha é um lugar cheio de energias negativas, almas penadas e assombrações. A explicação para isso – se é que há explicação para as coisas do outro mundo – é que a ilha foi palco de muito sofrimento durante o tempo em que funcionou como presídio. Não fosse pelas ruínas do Forte de Nossa Senhora dos Remédios e pelos relatos históricos, seria difícil acreditar que alguém tenha sido infeliz em Noronha.

A impressão de ter descoberto o paraíso tropical vem constantemente à mente daquele que conhece a ilha. As praias desertas, a areia branca e fina, o mar de tonalidades belíssimas, as águas límpidas e os coqueiros dão-lhe a sensação de estar em um lugar isolado de todos os males que assolam nosso mundo. Com exceção das praias do Cachorro, do Boldró e da Conceição, onde há bares, nas restantes praias de Noronha praticamente não se encontram sinais de presença humana. Não há vendedores gritando, crianças jogando areia nos outros e nem há palitos de picolé e latas de cerveja. Muitas vezes não há sequer pegadas na areia. Mas a beleza das praias mais isoladas só pode ser desfrutada por quem tiver disposição e boa forma física, já que o acesso a elas nem sempre é fácil. Para chegar à praia do Sancho, freqüentemente considerada a mais bonita da ilha, deve-se descer por uma fenda na falésia (de 40 metros de altura) ou caminhar pelas pedras, quando a maré está baixa.

Como as paisagens do fundo do mar são tão ou mais belas que as da terra, o mergulho é uma atividade praticamente obrigatória para aquele que deseja aproveitar ao máximo todas as belezas de Noronha. A ilha é considerada, por revistas especializadas, o melhor ponto de mergulho do Brasil e um dos melhores do mundo. A visibilidade da água chega a 30 e até 40 metros, dependendo do lugar e da época do ano, e a flora e fauna marinhas são extremamente variadas. Com o pouco equipamento que o mergulho livre requer (máscara, snorkel e nadadeiras) podem-se ver belos peixes coloridos que não temem a aproximação humana, lagostas, arraias e, eventualmente, até tartarugas e pequenos tubarões. Os mais ousados não devem perder a oportunidade de praticar o mergulho autônomo (com cilindro de ar comprimido), mesmo que não tenham experiência. Em Noronha existem três empresas especializadas em mergulho, que fornecem o equipamento e "batizam" os iniciantes.

Os golfinhos são outra atração da ilha, mas nem sempre o visitante consegue vê-los de perto. O Ibama proíbe o mergulho e a entrada de barcos na baía dos Golfinhos, onde eles se concentram para descansar, acasalar e amamentar os filhotes. O limite máximo de aproximação dos barcos é dado por bóias que delimitam a área intangível da baía. Com um pouco de sorte, alguns desses simpáticos e inteligentes animais acompanharão o barco. Simpáticos? Nem tanto. Na verdade, os golfinhos não acompanham os barcos para dar boas-vindas, e sim por puro instinto de conservação. São os machos que estão de guarda, tentando distrair os intrusos e proteger as fêmeas, os filhotes e os demais machos que descansam. Inteligentes? Depende do ponto de vista. Coincidência ou não, os ilhéus afirmam que o dia em que os golfinhos mais compareceram à baía (às centenas) e mais fizeram algazarra foi aquele em que o ex-presidente Fernando Collor de Mello esteve lá.





O morro Dois Irmãos, na praia Cacimba do Padre, onde quase não se vê sinais de presença humana (acima); a igreja de Nossa Senhora dos Remédios (à dir.), construída para atender aos primeiros habitantes da vila, fundada em 1737

Palestra ou forró

A vida noturna de Fernando de Noronha se resume a duas opções: às palestras do Ibama, todos os dias sobre um tema diferente (golfinhos, tartarugas-marinhas, tubarões) e ao forró, ora no Bar do Cachorro, ora no bar do Mirante do Boldró. Esses bares são um exemplo do espírito cooperativo que impera entre os habitantes da ilha. Algum tempo atrás, só existia um forró em Noronha: o do Mirante do Boldró. Quando o Bar do Cachorro foi aberto, os donos dos dois bares se encontraram e optaram por não dividir a freguesia, alternando as noites de forró.

Mas nem tudo é perfeito no paraíso. Um dos maiores problemas em Noronha é a falta d'água. Lá não existem rios permanentes e a maior parte das chuvas (87%) está concentrada no inverno (janeiro a agosto). O abastecimento se faz pelo Açude de Xaréu e por diversos poços, geralmente em péssimo estado de conservação.

O abastecimento de mercadorias é deficiente e já chegou a causar a morte de duas pessoas: não foi de fome que elas morreram, mas sim de sede. Conta-se que, no ano passado, dois alcoólatras desesperados com a falta de bebidas alcoólicas resolveram roubar e beber o álcool de uma Kombi estacionada na praça, vindo a falecer em conseqüência. Esse incidente trágico ilustra a irregularidade e a freqüente escassez de um ou de outro produto em Noronha. Os barcos que levam mantimentos do continente demoram mais de dois dias para chegar lá, e o frete eleva muito os preços.

A população local e eventualmente os turistas sofrem com o precário atendimento médico da ilha. Aquele que tem sérios problemas de saúde deve pensar duas vezes antes de conhecer as maravilhas de Noronha. Seu único hospital não é bem aparelhado e os casos graves são tratados no Recife ou em Natal. A saúde bucal dos noronhenses também muitas vezes fica comprometida: na ilha não há nenhum dentista, há apenas um protético – o que é facilmente constatável pelo grande número de banguelas. Para obter o tratamento adequado, deve-se, mais uma vez, ir até o Recife ou Natal.

Fernando de Noronha não oferece conforto aos turistas: há apenas um hotel simples, e a maioria das pessoas fica hospedada em pousadas que funcionam nas casas dos próprios moradores – simpáticos, educados e cordiais. E que cozinham peixes e frutos do mar maravilhosamente bem. Na ilha toda há somente uma agência bancária e uma agência dos Correios. Há carros disponíveis para aluguel, mas a ilha é tão pequena (17 quilômetros quadrados) que o melhor meio de se locomover é com as próprias pernas. A pressa não combina com o espírito do lugar.

Outro grande problema que Fernando de Noronha enfrenta é o ambiental. Segundo o chefe-substituto do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, Marco Aurélio da Silva, os principais problemas ambientais da ilha são a introdução de animais e plantas (que desequilibrou seu ecossistema), o impacto ambiental de obras realizadas no passado, o descarregamento de óleo diesel de navios em alto-mar, o tratamento do esgoto e, finalmente, o lixo doméstico. A usina de reciclagem existente na ilha opera com sua capacidade máxima, e a causa do aumento do lixo é o aumento do número de habitantes e turistas. Em 1991, a população de Noronha era de 1.680 pessoas; em 1995 era de 2.005, ou seja, um aumento de aproximadamente 19% em apenas 4 anos. Para diminuir a quantidade de lixo, a administração do arquipélago proibiu a entrada de plásticos descartáveis na ilha. Não são permitidos canudos, garrafas de menos de meio litro, copos e sacolas.

O governo de Pernambuco controla o fluxo de turistas em Noronha, permitindo a entrada de 120 pessoas por dia, podendo o acúmulo chegar a 420. Para desestimular uma longa permanência dos turistas, o governo cobra uma taxa (R$ 82,85 para oito dias) que aumenta desproporcionalmente a cada dia a mais que o visitante resolve ficar. Além desse controle, o Ibama realiza um trabalho de conscientização dos turistas.

Fernão de Loronha era um cristão-novo português, rico armador e comerciante, que, juntamente com um grupo de cristãos-novos, deteve o monopólio de exploração das riquezas naturais brasileiras – das quais a mais importante comercialmente era o pau-brasil – por três anos, até 1505. Ele recebeu de presente a ilha de São João em 1504; ilha que ainda no século XVI passou a figurar nos mapas com o nome de Fernando de Noronha.

Alguns historiadores consideram que Loronha foi o descobridor da ilha, mas não há consenso sobre isso. Ele comandou uma expedição de exploração das costas brasileiras em 1502-1503, quando teria descoberto a ilha de São João. Outros acreditam que tenha sido Gaspar de Lemos, quando este voltava para Portugal levando a carta de Pero Vaz de Caminha para dom Manuel I.

Holandeses e franceses

O fato é que a ilha permaneceu desocupada por muito tempo. Em 1628 os holandeses ocuparam-na pela primeira vez, mas por pouco tempo: dois anos depois foram expulsos pelos portugueses. Os holandeses voltaram a invadi-la em 1635, onde permaneceram por 19 anos. Chamaram-na de Pavônia e utilizaram-na como local de recuperação dos soldados feridos.

Mas foi a invasão dos franceses, em 1736, que fez com que os portugueses decidissem ocupar definitivamente Fernando de Noronha. Depois de expulsos os primeiros, em 1737, foi fundado em Noronha um povoado. Data dessa época a construção do Forte de Nossa Senhora dos Remédios e da igreja homônima. Embora haja indicações de que anteriormente a ilha já tenha sido usada como destino de degredados, foi a partir dela que funcionou o presídio regular.

O presídio, que antes recebia presos comuns, passou a abrigar presos políticos no século XIX, recebendo os revoltosos da Cabanagem (1833) e da Sabinada (1837). Em 1938, tornou-se somente um presídio político. Com a Segunda Guerra Mundial, decidiu-se fazer de Noronha uma base militar e acabou-se com a prisão. Os presos foram transferidos para a Ilha Grande em 1942.

O longo tempo que a ilha funcionou como presídio deixou suas marcas na população local, principalmente no que diz respeito à crendice popular e às lendas. A existência de grande número de plantas venenosas na ilha seria causada pelo sepultamento de muita gente má em sua terra. A lenda mais conhecida é a da Alamoa, uma bela loira de cabelos compridos, que aparecia nua nas noites de tempestade. Ela atraía os homens para os penhascos, mas quando eles chegavam perto e tentavam abraçá-la, ela desaparecia e eles despencavam do alto, encontrando a morte. É muito provável que os soldados em guarda no forte tenham tido visões eróticas que nunca se concretizaram, pois até 1820 as mulheres não podiam viver na ilha.

Mas a violência do presídio, o sofrimento de todos que passaram por lá e a infelicidade parecem ser coisas do passado. Hoje em dia, a cadeia está sempre vazia e não há violência em Noronha. O turista urbano poderá dar-se a luxos como passear tranqüilamente sem medo de ser assaltado e dormir com as janelas do quarto abertas. Não verá mendigos, menores abandonados nem miséria.

Encontrará a igrejinha branca sempre de portas abertas, será acompanhado em suas caminhadas por cachorros que querem companhia e, com o tempo, cumprimentará qualquer um que cruzar o caminho. Fernando de Noronha parece ter o poder de curar as neuroses urbanas. Como dizem seus habitantes, a única neurose que existe em Noronha é a "neuronha". Bucólica, como a ilha. ■